

Transformações socioculturais em Florianópolis: representações identitárias na imprensa local entre 1970 e 2000.

Rafael Damaceno Dias

A partir da década de 1970 é possível identificar a existência de uma percepção na imprensa que circulava em Florianópolis de que as transformações urbanas e demográficas que este município vivenciava naquele momento estariam modificando radicalmente os modos de ser e de viver que ali existiam.

As crônicas do período entendiam que a década de 1970 poderia ser vista como um período que demarcaria simbolicamente duas cidades: a cidade antiga que estaria deixando de existir e a cidade nova. Essa oposição vinha acompanhada de um sentimento de nostalgia que associava a cidade antiga com um lugar melhor para residir. Nessa nostalgia a cidade surgia como um lugar em que a violência urbana era desconhecida¹ e, além disso, caracterizado por relações de cordialidade entre negros e brancos².

Contudo, o elemento que com maior intensidade era utilizado para diferenciar simbolicamente a cidade antiga da cidade nova era a presença de migrantes. Alguns excertos retirados de crônicas publicadas na imprensa local a partir da década de 1970 exemplificam isso:

1) “Mas eu não tenho nada contra gaúchos. Até que muito pelo contrário. Afinal, não é o gaúcho o centauro dos pampas? E como gosto de mitologia, vai daí que... Agora, gaúcho ou quem quer que seja, tem de estar no seu devido lugar. A não ser que esteja em Nova Iorque que é uma cidade cosmopolita e ninguém é de ninguém, muito menos de lugar algum. Mas Flops é uma cidadezinha de nada, é nossa, somos bairristas o suficiente pra impedir que os outros (gaúchos ou não) venham bater com os costados numa de nossas quarenta e três praias. Aliás, são por causa dessas (mal) ditas

¹ A partir de alguma bibliografia sobre o período em Florianópolis é possível perceber que tal percepção relacionava-se com o fato de que como a violência urbana era circunscrita a determinadas áreas do município ela pouco afetava os setores sociais com maior capital econômico e cultural da cidade do qual provinha justamente os indivíduos que escreviam na imprensa local. Sobre isso ver, por exemplo: ARAUJO, Camilo Buss. *Os pobres em disputa: urbanização, política e classes populares no Morro da Caixa D'água, Florianópolis - anos 1950 e 1960*. Dissertação (Mestrado em História) – UFSC, Florianópolis, 2006. E ainda: COSTA, Gláucia Dias da. *Vida noturna e cultura urbana em Florianópolis*. (Décadas de 50, 60 e 70 do século XX). 2004. 1 v. Dissertação (Mestrado em História) – UFSC, Florianópolis, 2004.

² Tal percepção existente nas crônicas do período deve ser questionada especialmente quando se atenta para o relato de moradores de Florianópolis com maior idade. O senhor Airton da Rosa, por exemplo, relata que no clube Flamengo localizado no bairro de Capoeiras “só entrava branco, depois deixaram os negros entrar, mas colocavam uma fita para separar os dois grupos”. ROSA, Airton da. *Depoimento concedido ao autor*. Florianópolis, 27 set. 2006.

quarenta e três praias que vem todo mundo prá cá. Tirar a nossa paz, de saudosa memória”³.

2) “Há pessoas que tem a mania de achar que a coluna tem algo contra os gaúchos: imagina!

Só aqui em Santa Catarina, aproximadamente 1 milhão deles vieram dos pampas e se instalaram – desempenhando de montão, dando um chega pra lá no Catarina acomodado e preguiçoso que até há pouco se achava dono da situação. Porém quando retornou do cafezinho do Ponto Chic, o gaúcho já era seu chefe...”⁴.

3) “E vieram os eletrosuis, os tchês, os PTs, os do contra tudo e contra todos, os invasores, os favelados, os poluidores, e muita gente daqui descobre agora que já foi feliz e não sabia”⁵.

4) “Florianópolis se transformou na ilha dos intrusos. É impressionante como tem gente de fora cuspidando no prato que come. Chegam aqui e querem mandar em tudo. Imagine um paulista no Rio escrevendo nos jornais cariocas contra a cidade deles, falando mal de Flamengo e Botafogo, dos símbolos deles, etc. Seria linchado. Aqui deitam e rolam e ainda são aplaudidos. Querem até fazer prefeitos. Não aceito. Os incomodados que se retirem. Ou então que vão mandar na casa deles. O comodismo dos nativos, a omissão de quem tem que defender seu chão, sua casa, sua cidade, seus símbolos, sua raiz, impedindo as transformações que querem os que agora chegaram, está transformando nossa cidade numa colcha de retalhos ou na casa da sogra. Acorda Floripa. Vamos reagir. Limitar o poder dos forasteiros é fundamental, antes que nos descaracterizemos por total. É preciso respeito. Nós somos tolos, mas não muito como pensam alguns forasteiros”⁶.

Conforme é possível perceber nos excertos acima a presença de migrantes em Florianópolis é vista de forma pejorativa. Os comentários sobre os novos moradores de Florianópolis vêm acompanhados de manifestações de hostilidade e a migração é associada pelos cronistas a desorganização social do município.

A presença de grande número de migrantes em Florianópolis na segunda metade do século XX é inegável. Contudo, a percepção de que esse município teria sido alvo de uma invasão merece ser problematizada já que diacronicamente esse fluxo migratório possuiu algumas peculiaridades. A observação dos dados do IBGE, por exemplo, ora pode servir para corroborar a idéia de uma invasão de migrantes, ora sugere que se realize um questionamento dessa percepção. No que se refere aos migrantes advindos do Rio Grande do Sul, um dos contingentes que surgia com maior freqüência nas crônicas, é interessante observar os seguintes dados:

³ STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 06 dez. 1974.

⁴ STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 07 setembro 1988.

⁵ MENEZES, Cacau. DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 03 out. 1992.

⁶ MENEZES, Cacau. DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 10 abr. 1998.

Tabela I: Número de pessoas provenientes do Rio Grande do Sul e a percentagem relativa à população de Florianópolis.

| | Número de pessoas provenientes do RS residentes em Florianópolis | Percentual em relação à população do município |
|------------|--|--|
| Censo 1980 | 4216 | 2,2% |
| Censo 1991 | 9101 | 3,6% |
| Censo 2000 | 31524 | 9,2% |

Fonte: dados censitários do IBGE⁷.

Os dados contidos na tabela I sugerem que a idéia de uma invasão de gaúchos em Florianópolis precisa ser problematizada já que não existia grande contingente dessa procedência residindo nesse município até o ano de 1990. Para a década de 1990 os dados permitem que se compreendam em parte as razões dos cronistas em ressaltarem a presença de sulriograndenses em Florianópolis haja vista que seu número foi realmente expressivo no ano de 2000.

Outros dados censitários também podem ser utilizados para corroborar a idéia de uma invasão de migrantes em Florianópolis, especialmente quando se realiza uma comparação de sua estrutura populacional com a das outras duas capitais da região Sul do Brasil:

Tabela II: número de residentes em Florianópolis, Porto Alegre e Curitiba e percentual de pessoas não nascidas em relação àquelas nascidas.

| | | 1960 | 1970 | 1980 | 1991 | 2000 |
|--------------|---|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|
| Fpolis | Percentual de migrantes | 16.786 (17,2%) | 30.894 (22,3%) | 68.436 (36,4%) | 99.432 (38,9%) | 153.418 (44,8%) |
| | Percentual de pessoas nascidas no município | 81.041 (82,8%) | 107.447 (77,7%) | 119.435 (63,6%) | 155.958 (61,1%) | 188.897 (55,2%) |
| Porto Alegre | Percentual de migrantes | 261.544 (41,2%) | 397.329 (44,9%) | 539.050 (47,9%) | 514.361 (40,7%) | 522.692 (38,4%) |
| | Percentual de pessoas nascidas no município | 373.581 (58,8%) | 488.212 (55,1%) | 586.428 (52,1%) | 749.042 (59,3%) | 837.898 (61,6%) |
| Curitiba | Percentual de migrantes | 137.851 (38,6%) | 277.500 (45,6%) | 568.782 (55,5%) | 626.073 (47,6%) | 756.799 (47,7%) |
| | Percentual de pessoas nascidas no município | 218.979 (61,4%) | 331.526 (54,4%) | 456.198 (44,5%) | 688.962 (52,4%) | 830.516 (52,3%) |

Fonte: dados censitários do IBGE.

⁷ Os dados referentes ao total da população de Florianópolis entre 1980 e 2000 são os seguintes: em 1980 era de 187.880 pessoas, em 1991 era de 255.388 pessoas e em 2000 era de 342.315 pessoas. Dados retirados dos censos realizados pelo IBGE.

Como é possível perceber a partir dos dados da tabela II Florianópolis vivenciou numericamente um importante fluxo migratório a partir da década de 1970. Foi apenas nesse município que a participação percentual de migrantes no conjunto da população aumentou sem interrupções entre 1960 e 2000.

Hipótese de trabalho

Os dados do IBGE podem ser utilizados tanto para corroborar quanto para negar a idéia de uma invasão de migrantes em Florianópolis. Levando isso em conta, como explicar as incongruências entre as percepções dos cronistas locais que afirmavam incessantemente uma invasão com os dados do IBGE que em alguns momentos negam essa idéia?

Pode-se construir uma hipótese de trabalho para interpretar essas incongruências com base em uma suposição: não era o número de migrantes que mais incidia nas representações dos cronistas locais sobre o processo migratório, mas sim um tipo específico de migrante. Nesse caso, o alvo das crônicas parece ter sido os migrantes possuidores de elevado capital global⁸.

Quanto à presença de migrantes desse tipo em Florianópolis alguns pesquisadores já enfatizaram que esse movimento foi bastante importante. Na década de 1970, por exemplo, chegaram à cidade entre os anos de 1976 e 1977 em função da instalação da empresa Eletrosul Centrais Elétricas 600 famílias cujos funcionários possuíam renda superior a média da cidade⁹. Outro exemplo da importância de migrantes com elevado capital global em Florianópolis pode ser vislumbrado no expressivo contingente de novos moradores que se transferiu para essa cidade atraídos pelos concursos públicos abertos durante a expansão da Universidade Federal de Santa

⁸ Capital global se refere à intersecção em um mesmo agente social de substantivo capital econômico e capital cultural, conforme: BOURDIEU, Pierre. *Espaço Social e Espaço Simbólico*. In: *Razões práticas*. Sobre a Teoria da Ação. Campinas: Papyrus, 2005. p.19.

⁹ Sobre isso ver: MARCON, Maria Teresinha de Resenes. *A Metropolização de Florianópolis: o papel do Estado*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2000.

Catarina e da Universidade do Estado de Santa Catarina nas décadas de 1980 e 1990¹⁰.

Levando-se em conta esses fatores o objetivo dessa pesquisa é entender o processo de produção de diversas identidades em Florianópolis nas últimas décadas do século XX. Considerando, conforme Barth, que as identidades sociais surgem inextricavelmente associadas a contrastes, é possível verificar em Florianópolis a emergência de uma configuração social propícia ao aparecimento de identidades¹¹. Isso porque se de um lado ocorreu um movimento migratório de pessoas com substantivo capital global, por outro, havia também em Florianópolis pessoas portadoras de elevado capital global (especialmente aquelas que escreviam nos jornais locais).

A perspectiva adotada para o estudo das identidades em Florianópolis nesse trabalho também está relacionada com as considerações teóricas de Pierre Bourdieu. Para esse autor as identidades são uma forma particular de representação de um espaço social que procura reunir determinadas pessoas em um grupo em detrimento de outras consideradas não pertencentes a esse grupo¹².

Um exemplo das identidades surgidas em Florianópolis pode ser encontrado nas palavras do mais conhecido comunicador de Santa Catarina no momento em que ele procura delinear algumas características dos moradores do município. Quando indagado sobre o que seria o *ilhéu*, termo que nas suas crônicas aparentemente faz referência ao morador da parte insular de Florianópolis, ele assim se expressa:

¹⁰ Conforme é possível verificar em: FALCÃO, Luiz Felipe. *Quando os "nativos" e os "haoles" se encontram*. In: XXIII Simpósio Nacional de História, 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História. Londrina: ANPUH e Universidade Estadual de Londrina, 2005. p 1-8. E ainda em: ALVES, Pedro Assumpção & BAENINGER, Rosana Aparecida. *Região metropolitana de Florianópolis: migração e dinâmica da expansão urbana*. In: Anais do XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais: as desigualdades sócio-demográficas e os direitos humanos no Brasil. 60 anos da declaração dos direitos humanos, 29 de setembro a 03 de outubro de 2008. Caxambu: ABEP, 2008.

¹¹ De acordo com: BARTH, Fredrik. *Grupos Étnicos e suas fronteiras*. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1997.

¹² BOUDIEU, Pierre. *A identidade e a representação*. Elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. p. 116-118. In: *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

Ser ilhéu é falar a nossa maneira. É não se curvar a esses ricos paulistas, paranaenses, gaúchos que vem para cá tirar onda. É manter tua autenticidade, tua simplicidade, tua personalidade, teu estilo de vida. Nós somos melhores do que eles. Nós andamos de havaianas antes da havaiana fazer essa mídia na televisão. Antes da Gisele Bündchen fazer propaganda da havaiana o manezinho, o ilhéu, já andava de havaiana. Claro! Nós somos pescadores... Agora você liga uma rádio de Florianópolis e escuta um comunicador gaúcho como o Luis Carlos Prates chamar todo mundo aqui de vagabundo porque tem uma garotada dirigindo sem camisa vindo da praia... Porque tem tatuagem... O que é isso? Se eu for fazer isso no Rio Grande do Sul o que eles fazem comigo? Eles me deportam na mesma hora¹³.

Como é possível notar existe por parte do depoente o esforço de elaboração de uma representação peculiar sobre os florianopolitanos. Ao identificar algumas características que segundo ele definiriam o perfil dos moradores nascidos na cidade, o depoente opõe essas pessoas (que teriam um modo de viver “simples”) aos migrantes (que teriam um comportamento pouco respeitoso com as formas de viver dos florianopolitanos).

Por fim, cabe indicar as balizas temporais dessa pesquisa. O marco inicial é o começo da década de 1970, mais precisamente o ano de 1971, momento em que foi concluída a rodovia BR 101 em Santa Catarina o que facilitou a chegada de migrantes e a presença de turistas em Florianópolis. O ano que delimita o final desse trabalho é o ano de 2000, ano do término do primeiro mandato da ex-prefeita Ângela Amin. Esse ano foi escolhido porque durante as eleições que a elegeram em 1996 a percepção de que Florianópolis estaria sendo alvo de uma invasão de gaúchos foi explorada por seu comitê na campanha eleitoral.

Fontes (depoimentos)

MENEZES, Cacau. *Depoimento concedido ao autor*. Florianópolis, 15 novembro de 2005.

ROSA, Airton da. *Depoimento concedido ao autor*. Florianópolis 27 de setembro de 2006.

Fontes (impressas)

MENEZES, Cacau. DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 03 out. 1992.

MENEZES, Cacau. DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 10 abr. 1998.

STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 06 dez. 1974.

STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 07 setembro 1988.

¹³ MENEZES, Cacau. *Depoimento concedido ao autor*. Florianópolis, 15 novembro de 2005.

Fontes (dados censitários)

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Dados censitários dos censos de 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000.

Referências bibliográficas

ALVES, Pedro Assumpção & BAENINGER, Rosana Aparecida. *Região metropolitana de Florianópolis: migração e dinâmica da expansão urbana*. In: Anais do XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais: as desigualdades sócio-demográficas e os direitos humanos no Brasil. 60 anos da declaração dos direitos humanos, 29 de setembro a 03 de outubro de 2008. Caxambu: ABEP, 2008.

ARAUJO, Camilo Buss. *Os pobres em disputa: urbanização, política e classes populares no Morro da Caixa D'água, Florianópolis - anos 1950 e 1960*. Dissertação (Mestrado em História) – UFSC, Florianópolis, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *Espaço Social e Espaço Simbólico*. In: *Razões práticas. Sobre a Teoria da Ação*. Campinas: Papyrus, 2005.

_____. *A identidade e a representação*. Elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. In: *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

COSTA, Gláucia Dias da. *Vida noturna e cultura urbana em Florianópolis*. (Décadas de 50, 60 e 70 do século XX). Dissertação (Mestrado em História) – UFSC, Florianópolis, 2004.

FALCÃO, Luiz Felipe. *Quando os "nativos" e os "haoles" se encontram*. In: XXIII Simpósio Nacional de História, 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História. Londrina: ANPUH e Universidade Estadual de Londrina, 2005.

MARCON, Maria Teresinha de Resenes. *A Metropolização de Florianópolis: o papel do Estado*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - UFSC, Florianópolis, 2000.

BARTH, Fredrik. *Grupos Étnicos e suas fronteiras*. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1997.